



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



TRADUÇÃO dum CONTO de LEÃO TOLSTOI por JOSÉ INACIO

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ

ALGUMAS crianças encontraram um dia na ravina um objecto grosso como um ovo de galinha. Ao centro d'êste objecto, havia um sulco, que o tornava semelhante a um grão.

Um homem que passava, viu o objecto, comprou-o aos garotos por cinco kopecks, trouxe-o á cidade, e revendeu-o como uma curiosidade ao Imperador.

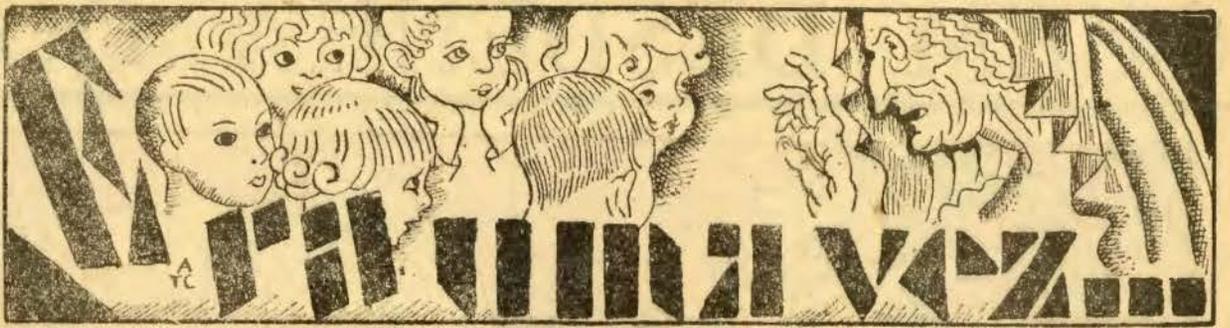
O Tzar convocou os sábios, e disse-lhes que tratassem de saber o que era êsse objecto; se êle era um ovo, ou um grão. Os sábios procuraram, procuraram, e não puderam descobrir nada sôbre a natureza do objecto.

O objecto foi colocado sôbre o parapeito duma janela. Uma galinha voou para êste lado, picou aqui, picou acolá, viu o objecto, picou mais um bocado e fez nele um buraco; o objecto era, pois, um grão; toda a gente viu bem que o era, e os sábios declararam que era um grão de trigo.

O Imperador admirou-se muito; convocou de novo os sábios e encarregou-os de indagarem porque o grão era, assim, tão grande. Os sábios procuraram em sua ciência, procuraram em seus livros mas não encontraram nada; por fim disseram ao Imperador:

— Sire, não temos resposta alguma satisfatória





A FEITICEIRA DO BOSQUE

Por ALDEMIRA GONÇALVES

Desenhos de A. CASTAÑÉ

ERA uma vez um Rei muito poderoso e bom, que, na companhia da Rainha, sua esposa, e de uma linda princezinha chamada Maria, habitava um maravilhoso castelo, situado no pico da mais alta montanha de seu reino.

O soberano, que sempre fôra muito alegre, havia alguns dias mostrava-se bastante triste.

Não tardou que a Rainha percebendo o estado de alma do marido, lhe perguntasse qual a causa, ao que elle respondeu:

— «Quando ontem andava a caçar, vieram-me dizer que as serpentes da Feiticeira do Bosque devastaram muitos campos de trigo, o que trará grande prejuizo para o reino».

— «E porque não mandas prender essa feiticeira que, segundo dizem, é tão má?» — indagou a Rainha.

— «Como prendê-la se encanta todos que lá vão? Já mais de mil pessoas foram lá para êsse fim e até hoje não voltaram».

Mal acabara a frase, um págem dirigiu-se-lhe e, quasi sem poder articular palavra, pela aflicção de que estava possuido, balbuciou apenas: — «Saiba, Vossa Magestade, que a Princesa, tendo saído esta manhã com suas aias, desapareceu, sem que as mesmas sejam capazes de dizer como.»

A inquietação dos soberanos foi tanta que nem se pode descrever.

Em breve o castelo ficou quasi deserto, tendo muitos de seus habitantes, ido à procura da Princesa Maria.

Decorrido algum tempo, começaram chegando uns, depois outros, dizendo terem sido debalde todos os esforços empregados para a encontrarem.

Passaram-se quinze dias sem que na côrte se recebesse noticia alguma relativamente à princezinha.

A alegria que caracterizava a casa real desaparecera. Os mais valentes guerreiros que tinham ido à procura de Maria, não tinham voltado.

Havia no reino alguns fidalgos que, com inveja da fama

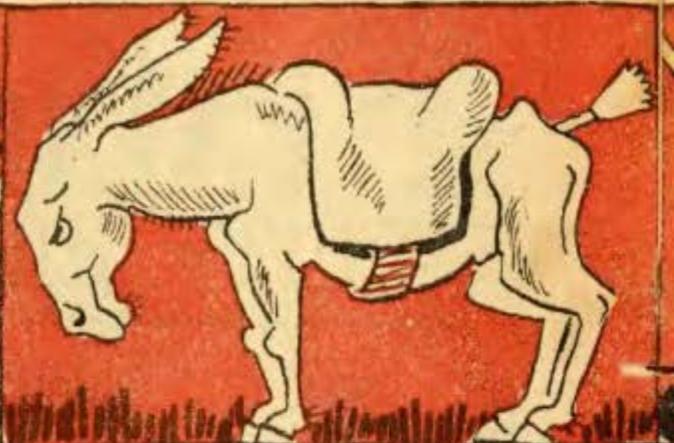
(Continua na página 6)



QUEM DESDENHA QUER



I — O Zé Maria Casmurro
vai á feira
da Malveira,
a-fim-de comprar um burro.



II — E, ao chegar, vê um jumento
de côr parda,
com albarda,
que era muito a seu contento.



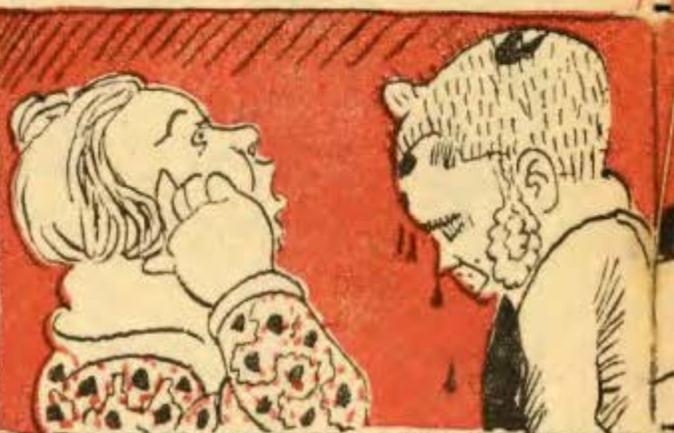
V — «Mono é você, seu marau!...»
Palavra puxa palavra,
e grande contenda lavra...
Começa o jogo do pau.



VI — «Tome, tome e não se queixe!...»
eis berra, à pancadaria,
retirando o Zé Maria
com os seus ossos num feixe.



VII — E com dois sôcos e um estalo,
Zé Casmurro,
em vez de um burro,
leva para casa um galo.



VIII — Ao entrar, conta á mulher
porque vem naquele estado:
seguira o velho ditado
quem desdenha comprar quer'.

RE COMPRAR

por A. de S. R. e CASTANÉ



III — Falando para o seu dono,
diz
a torcer o nariz:
— «Quanto quer' por êste mono?» —



IV — «Mono?!... brada, dando um pulo,
o vendedor,
com rancôr,
e com modo muito fulo.



IX — Mas mais esperta a mulher,
troçando daquela manha,
alega que a quem desdenha
isto pode acontecer.



X — Meus meninos: — Não é rara
gente assim. Toda a esperteza
com mira na barateza,
às vezes custa bem cara.



A FEITICEIRA DO BOSQUE — (Continuado da página 3)

que João, filho dum humilde sapateiro, estava ganhando, quer por sua bondade, quer por sua valentia, foram dizer ao Rei que este se havia gabado de ser capaz de encontrar a Princesa.

O monarca mandou, logo, chamar João à sua presença e pergantou-lhe se era verdade o que lhe haviam dito os fidalgos, ao que o pobre rapaz respondeu:

— «Eu nada disse, mas, se Vossa Magestade tal me ordena, estou pronto a cumprir vossas reais ordens».

Depois de fazer a devida reverência, João deixou o castelo, a fim de dirigir-se à casa de seus pais, para torná-los cientes das ordens recebidas.

Foi com grande prazer que acolheram a nova. Após haver-se despedido d'elles, o filho do sapateiro, montado num cavalito, tomou a estrada que o deveria conduzir à habitação da Feiticeira do Bosque, onde suspeitava estar a princezinha.

Já tinha meio caminho andado, quando uma voz, muito maviosa, lhe chegou aos ouvidos.

Soltou uma exclamação de surpresa e de júbilo ao voltar-se; diante de si, estava uma Fada formosíssima que lhe disse: — «Conhecendo tua coragem e generosidade, resolvi ajudar-te».

De acôrdo com o que pensava, soube, então, que a princesa se encontrava em casa da mágica.

Para que consigas matar a Feiticeira, é necessário, primeiramente, que te desembaraces dos terríveis dragões e das serpentes venenosas, que guardam a caverna, onde a bruxa esconde as pessoas encantadas por ela.

Todos que têm ido à sua habitação, lá têm ficado. És o primeiro a quem confio este segredo; os outros não eram tão dignos como tu.

Depois de muitas demonstrações de agradecimento, João continuou a andar até chegar à caverna; aí travou uma tremenda luta com os guardas da feiticeira, da qual elle saiu vencedor, graças à espada maravilhosa que lhe dera de presente a boa Fada.

Com muita cautela para não ser surpreendido, chegou onde estava a bruxa, que, sem suspeitar que estava sendo ouvida, dizia: — «Sinto que meus animais favoritos vão morrer! Com a morte d'elles finalizar-se-há a minha vida. Quem seria que...»

Não pôde continuar porque, antes disso, caiu morta.

No mesmo instante ouviu-se um formidável estrondo e todos, que haviam sido encantados por ela, desencantaram-se de repente. Ao verem-a inerte, sem vida, e perto o filho do sapateiro, logo imaginaram ser elle o seu libertador e por isso correram a abraçá-lo, agradecendo-lhe o beneficio.

O Rei, para recompensá-lo, concedeu-lhe a mão de Maria.

No dia do casamento houve uma grande festa, para a qual foram convidadas muitas fadas, dando-se, á mesa do banquete, o lugar de honra à fada protectora de João.

Um grande amor conjugal uniu os novos esposos que foram muito felizes.

O sapateiro e sua mulher vieram viver na companhia d'elles, bem como o Rei e a Rainha.

O soberano, reconhecendo a intelligência e o bom senso do genro, deu-lhe metade do reino.

O povo ficou contentíssimo quando soube tais noticias, pela grande estima que inda hoje dedica a João, que continua governando com agrado geral.

No castelo tudo corre ás mil maravilhas, sendo todos muito ditosos.

C O R R E S P O N D E N C I A

Ana Brun — Por falta de tempo, o nosso director encarrega-me de comunicar-lhe que não lhe foi possível responder ainda á carta de V. Ex.^a, o que fará brevemente, rogando-lhe o favor de continuar enviando novas produções.

Polinóque — Os teus versinhos, embora bem feitos, aão

podem ser publicados, devido ao facto do tema não ser nada infantil.

Dinette — O sr. Santa-Rita agradece muito a gentileza do seu livro e brevemente lhe escreverá.

Marianela — Podes mandar os contos que serão publicados, a avaliar pela amostra. (Continua na página 7)

HORA DE RECREIO

A DIVINHAS

PASSA-TEMPO

Maçãs desportivas

Formar, com as letras das seguintes frases, o nome de conhecidos foot-balleres:

Só mel na vitrina
Valerio era par
Paro na vila
Mudo de Preto
Lares calvos
Nota: eu quero tino
Jarreta Vesgo
Nós todos já são
Suje liso
Aqui cai me tacos
Matavam ledor

Maçãs geográficas

Formar, com as letras das seguintes frases, o nome de Vilas Portuguezas:

Lacre do Casal
Casos de Valverde
E' rasto de Burro
Piado nove cavalos
Vê no veludo Maria
Mapa cori rio
Só vi roma-flor
O Bacele de Cristo
Só vi o mi

J. M. Antunes

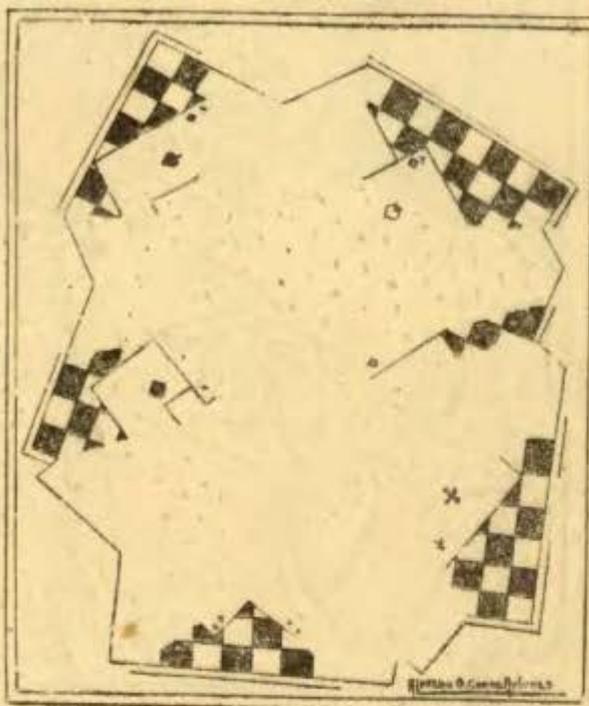
Decifração do enigma anterior

A Morenita deseja a todos os priminhos Boas Festas e um Ano Novo portador das maiores felicidades.

José Marco — Castro Daire — Os contos são muito interessantes mas precisamos saber donde foram tirados e quem é o seu autor. «A Roca da Natureza», «Vaidade de Burro» e «Um Exemplo» serão publicados com as respectivas ilustrações do nosso desenhador, só depois de termos recebido a informação que pedimos.

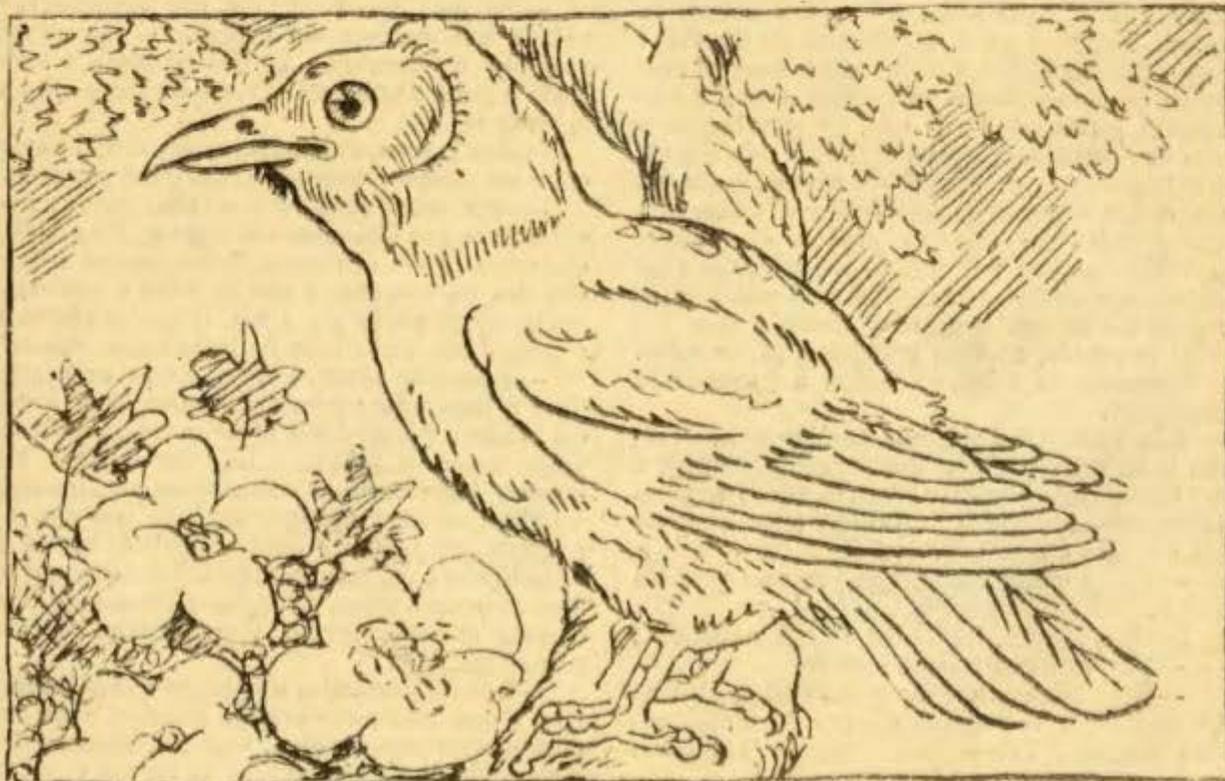
José Teixeira Junior: — O seu conto: — «Os três bebês» não foi publicado na devida altura, em virtude de não ter sido possível publicar-se o «Pim-Pam-Pum» durante duas semanas anteriores ao Natal. Embora com menos oportunidade, não deixaremos de o publicar brevemente.

TIO PAULO



Como será possível, apenas com seis dobras, formar-se os quatro azes dum baralho de cartas em cima duma mesa quadrada, com tampo em xadrez?

PARA OS MENINOS COLORIREM



(O GIMNOCEFALO CARECA — *Gymnocephalus calvus*)



Imperador. Este homem marchava com uma só muleta, seus olhos estavam ainda assaz bons e a sua barba era grisalha. O Imperador mostrou-lhe o grão e perguntou-lhe o que era. O velho olhou-o atentamente. O Imperador tornou mais uma vez:

— Bom homem, sabes para que é bom esse grão? Talvez hajas semeado no teu campo, ou tenhas comprado igual, no decurso da tua vida?

— Não, respondeu o velho, não semeiei no meu campo grão semelhante, nem jamais o recolhi; não comprei igualmente, pois que, no meu tempo, o ouro não estava ainda em uso. Então toda a gente se nutria de seu próprio pão e dava-se parte aos que o não tinham, quando isso era necessário. Ignoro onde este grão se produz. Eu sempre ouvi dizer a meu pai que, no seu tempo, o trigo vinha muito melhor e dava grãos bem mais grossos e mais numerosos. É preciso interrogar meu pai.

O Imperador mandou procurar o pai do velho.

Encontrou-se e foi conduzido à presença do Imperador.

Este homem era vigoroso, os olhos eram vivos; não tinha muletas, falava muito distintamente, e a sua barba embranquiçava ligeiramente. O Imperador mostrou-lhe o grão... O velho olhou-o por todos os lados e disse:

— Há já muito tempo, que não vejo grão tão grosso.

Levou-o à boca, tomou-lhe o gosto e replicou:

— Sim, é bem a mesma espécie.

— Bom homem, diz-lhe o Imperador, diz-me em que lugar e em que estação se produz um grão parecido. Talvez hajas semeado, recolhido, ou comprado mesmo, grão semelhante?

O velho respondeu:

— No meu tempo não havia outro trigo senão

dêsse; era dêste mesmo grão que fazíamos o nosso pão e de que vivíamos.

— Bom homem, replicou o Imperador, queres tu dizer-me que nesse tempo compravam dêste grão, ou o recolhiam?

O velho sorriu:

— No meu tempo, diz êle, não se conhecia o pecado que consiste em comprar o pão ou em vendê-lo, e ignorava-se mesmo o que é o ouro. Toda a gente comia pão até que êle fosse colhido segunda vez.

— Bom homem, disse o Imperador, diz-me onde era o teu campo, e onde semeavas grãos parecidos.

— Imperador, respondeu o velho, meu campo era a terra que Deus deu aos homens. Meu campo era o solo que eu cultivava. Nesse tempo, a terra não era de ninguém, e não se sabia o que era a minha propriedade ou a tua. O que se chamava o meu, o teu, era o fruto do trabalho de cada um.

— Responde, ainda, a duas outras perguntas, disse o Imperador; primeiro diz-me como se podia produzir o trigo duma maneira tão maravilhosa nesse tempo, e porque é hoje tão pequeno. Em segundo lugar como se compreende que teu neto marche com duas muletas, teu filho com uma só, ao passo que tu és tão forte e vigoroso, teu passo é tão ligeiro e tua marcha segura. Teu olhar é vivo, tens dentes soberbos, e tua voz vibra como a dum homem bem conservado. Bom homem, diz-me porque assim é?

— É assim, respondeu o velho, porque os homens não vivem já do seu próprio trabalho, e porque êles invejam seus vizinhos. Outr'óra, viviam todos dum modo diferente; vivia-se na crença e no respeito a Deus. Então não se possuía o que era seu mas não se tinha precisão do que era doutrem!